

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Comércio e Indústria (S.P.) Class.: 81

Data: 21 de setembro de 1984

Pg.: _____

Ponto de vista

190 O índio no Brasil-9

■Arruda Camargo

Os jesuitas, que viveram por muitos anos tão próximos dos índios, que conviveram com eles existência pacífica; teriam conhecido, realmente, o índio brasileiro? Esta é uma pergunta que assusta pela gravidade, mas devemos formulá-la, tendo em consideração que os trabalhos dos catequistas não variavam de tribo para tribo, de região para região, sem levar em conta os usos e os costumes, as tradições, os mitos, a formação moral dos grupos que pretendiam cristianizar. O mesmo erro da nossa atual política indianista que os confunde num só padrão e modelo, na mais completa ignorância das particularidades que distinguem os grupos disseminados em nossa geografia, diferenciando o índio do índio...

Entre os fenômenos físicos que apavoram pela grandiosidade, consideravam o trovão como ser superior, mas este mesmo não era venerado como Deus. A opinião de Manoel da Nóbrega é esclarecedora: "Esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhece Deus, somente aos trovões chamam de Tupane; que é como quem diz coisa divina." De Tupane, trovão, a Tupã, Deus, foi um passo muito curto. E a idéia de Tupã, um Deus superior, persiste, ainda, em nossa imaginação, decorridos quase cinco séculos...!

A idéia do Deus Jeová, um Deus de Ira, como nos relatos do Velho Testamento, foi trazida para a América e com ela vestiram o incorpóreo Tupã recém-nascido, um Deus que fala pelos raios e coriscos e que provoca grande medo. A catequese cometeu o grande erro de implantar esse Deus que contrariava a índole dos mitos que constituem a teogonia cabocla. Thevet menciona um herói artífice, Mairamonam, que ensinou os conhecimentos da agricultura, o uso do fogo, o fabrico de instrumentos, além das normas sobre o procedimento humano. Também, não havia reis, líderes com poder de decisão, sendo estranha aos tupinambás a pessoa executiva. As decisões eram tomadas pelos laços do parentesco ou da amizade. Daí a necessidade de contar com grandes famílias, muitos filhos que, por sua vez, se constituíam em novas famílias, aumentando o poder do chefe de um clã, dependendo as suas decisões da sua habilidade de convencer o opositor. Isto fez dos tupinambás os mais hábeis de todos os índios brasileiros, famosos pela sua oratória. Daqui resultou, também, como já observou José de Alencar, a bigamia, entre certas tribos, como condição para poder gerar muitos filhos...

Em algumas tribos prevalecia o patriarcado, a hegemonia do homem, como soberano da casa; em outras, o matriarcado, a soberania da mulher como legítima dona da casa, tanto que, quando contraía matrimônio, o noivo mudava-se para a casa da noiva.